

quisos. A *Revista de Filologia Española*, em que iniciou as suas actividades de Prof. Homero Seris, e a *Revista de Historia*, para quem estou escrevendo esta resenha, são flagrantes exemplos do que affirmo. Nem é preciso sahir de casa para ordenar argumentos.

Como este *Manual*, com seu titulo modesto, é obra de auctor, que não é apenas um bibliographo profissional, mas é tambem um bom professor de historia litteraria, cada secção vae precedida de uma citação guiadora, algum conceito de critico illustre e experimentado, que illumina e esclarece toda a riqueza informativa alli offerecida. Por vezes a lapidar phrase escolhida para advertencia inicial revela um espirito de oportunidade e um sentido critico inexcedivelmente certos. Foram tambem estas nobres qualidades do auctor que o fizeram incorrer no unico reparo que se lhe poderá fazer: preferindo dar-nos uma bibliographia mais seleccionada do que exhaustiva ou completa, haverá abandonado especies; e nem todos os especialistas concordarão com as exclusões. Mas são tantos os sectores novos que nos revela, tantos os horizontes ainda não devassados que nos rasga, que os proprios protestadores acharão no *Manual* plenas compensações.

Como instrumento de trabalho, o *Manual* tem de ser obra de cabeceira de todo o hispanista e todo o historiador da civilisação iberica, nos seus varios matizes, castelhano, portugês, gallaico, catalão, etc.. O que ha-de ser necessario é apprehender a sua topographia, para bem singrar em todas as direcções que elle comporta e lhe extrahir todos os recursos que offerce. É uma obra eminentemente technica; necessita de estudo prévio ao seu manejo.

A preocupação de bem informar e aconselhar é tão grande que o auctor não hesitou em transcender os limites naturaes de toda a bibliographia e registrou tambem codices e manuscriptos avulsos e seus paradeiros, e assignalou os lugares, onde se guardam as obras raras, e ainda os claros não explorados pela pesquisa, assim suggerindo e promovendo investigações e theses universitarias.

Como aqui mesmo, em São Paulo, proferi em tempos algumas conferencias de encarecimento da importancia da bibliographia (V. *Aristarchos*, São Paulo, 1939 e Rio de Janeiro, 1941), e como iniciei a inventariação de bibliographia critica da litteratura portuguesa, logo cooperada atmbem por Mr. Aubrey Bell (V. *Crítica Litteraria como Ciencia e Portuguese Bibliography*), tinha o dever de chamar a attenção dos estudiosos paulistas para a obra deste illustre professor, que realisa insuperavelmente um velho sonho meu.

FIDELINO DE FIGUEIREDO.

COULONDRE (Robert). — *De Staline à Hitler (Souvenirs de deux Ambassades, 1936-1939)*. París. Hachette. 1950. 334 pp.

O livro do Embaixador Robert Coulondre, como éle diz, não é um compendio de história nem um diário. É uma peregrinação diplomática, pelos lugares em que se forjaram os "fortes e perturbadores" acontecimentos históricos que preenchem os anos que vão de 1936 a 1939, aquéles mesmos anos que constituem, como que a experiência inicial de outros tempos talvez não menos fortes e perturbadores que a segunda metade deste século ainda nos pode reservar...

Indicado em outubro de 1936 para Embaixador de França em Moscou, o Snr. Robert Coulondre, com tacto próprio a um embaixador (embora, de vez em vez, repontem no seu livro algumas talvez propositadas indiscrições de so-menos) conta-nos o que viu na URSS e, depois de novembro de 1938, o que assistiu na Alemanha hitleriana. Relata-nos o A. também, com bastante graça

e finura, alguns traços de personalidades políticas francesas, tais como as de Léon Blum e Edouard Herriot.

As impressões do Embaixador Coulondre acêrca da Rússia, poderíamos talvez resumi-las numa frase sua: logo ao chegar à fronteira, durante as longas horas que ficou retido numa estação, à espera que lhe baldeassem a bagagem, não surpreendeu êle um só sorriso... Não pareceu risonha ao Embaixador, a pátria do socialismo! E' verdade que a êste propósito, conheceu-me um amigo, que o único jornal humorístico soviético tem um exquisito e sintomático título: **O Crocodilo**...

A narrativa do Embaixador Coulondre acêrca da vida e das cousas na URSS, não se afasta muito daquilo que outros já têm contado (Cf. Victor Serge, *Le Destin d'une Révolution*). Há, porém, no livro do Embaixador Coulondre, capítulos que fazem meditar, como por exemplo, o cap. VII, consagrado à obra econômica de Stalin, no qual o A. revela a imensa e importante tarefa realizada pelo chefe soviético. O colosso soviético não se apresenta, segundo o A., como muitos pensam, como um colosso de pés de barro. Ao contrário, a economia soviética repousa sólidamente sôbre a terra cuja seiva nutre os seus músculos de aço. O "milagre russo", realizado pelo povo e pelos chefes da URSS, diz o Embaixador Coulondre, consiste precisamente na "grandeza dos seus designios e na firme vontade de realizá-los, apesar das inevitáveis dificuldades" (v. p. 94). Ao lado, porém, de tal esforço, há, como uma sombra negra do quadro, a amedrontar o mundo civilizado, a tenebrosa N.K.V.D., a sucessora da antiga Okrana dos tempos do Czar.

Transferido em 1938 para a embaixada de Berlim, — pois era ou é ainda da Alemanha, na opinião de um diplomata, que se pode melhor observar os movimentos políticos da Rússia — o Embaixador Coulondre descreve, na sua obra, tôda a formação da tragédia que Hitler iria preparar. Êste — nota-o muito bem o A., no capítulo final do seu livro — tornara-se mais prudente depois do **putsch** de Munique e resolve tentar a tomada do poder pelas vias legais... Talvez outros estejam a fazer a mesma cousa.

São interessantes as observações de A. sôbre a anexação da Austria. Como êle diz, os mais graves ferimentos recebidos pelos soldados alemães que entraram em Viena, foram aquêles que os ramalhetes de flores lhes causaram. Significativas são também as observações que apresenta sôbre a política de Litvinof, sôbre a ingenuidade de Chamberlain e triste é a descrição que faz do drama da Tchecoslováquia. Por ter assistido à preparação da segunda guerra mundial, por ter sido testemunha de uma politica de tergiversações e de compromissos insustentáveis, oferece o Embaixador Coulondre ao leitor, larga soma de fatos, dignos da reflexão daquêles que se voltam, ansiosos sôbre o amanhã da história dos homens do nosso tempo. No capítulo final do seu trabalho, o A. esboça um retrato de Hitler e do destino trágico da Alemanha. Depois do caos de 1918, Hitler, agente da Reichswehr, soube habilmente propor ao povo alemão, os temas de **regeneração** que falavam ao coração daquêle povo. O slogan do "apunhalamento pelas costas" ganhou terreno e conquistou as almas. As longas flâmulas que a propaganda de Hitler criou, elevavam e animavam as multidões. A grande bandeira vermelha atraia as massas e a cruz de braços quebrados, parecia um símbolo para aquêles que a tormenta abatera... (v. p. 321).

Em resumo: o livro do Emb. Coulondre encerra observações muito interessantes sôbre as vicissitudes históricas do nosso tempo.

CRUZ COSTA.